



Director literario:

*Manolo e Manola*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Manolo e Manola*  
PAPUSSE

# Béu-béu e o Bolo-Rei



Manos Manolo e Manola  
Têm um lindo Béu-béu,  
Ensinado em alta escola,  
Que é de tirar-se o chapéu.



Fôrça oculta que o impele,  
O nosso grande Béu-béu  
Fura arquinhos de papel,  
Como os cães do Coliseu.



Quando lhe põem, na frente,  
Um arco em papel de embrulho,  
Dá um salto de repente,  
Sem o mais leve barulho.



Ora Manola e Manolo,  
A' Casa Péri de Linde,  
Vão comprar um grande bolo...  
Bolo-rei com fava e brinde.



Manola pega dum lado,  
Pega do outro Manolo,  
E assim, com todo o cuidado,  
Conduzem o belo bolo.



Mas Béu-béu que vinha atrás.  
E ser um arco cuidava,  
Dá um grande pulo e... zás...!  
Bolo,  
Manola e Manolo;  
Vão à fava!



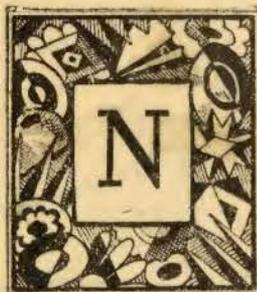
# JOÃOZINHO

— (CONTO de NATAL) —

— (AO PAPIM) —

Por MARIA ROSA RÉSEDÁ

Desenhos de EDUARDO MALTA



A linda vila de Penacova, em uma modesta casita, vivia uma mulher chamada Engrácia com seu sobrinho, um garoto muito esperto, de grandes olhos negros, cujo nome era João, mas que, entre o povo, era conhecido pelo «Joãozinho da ti' Engrácia».

Orfão de pai e mãe desde tenra idade, Joãozinho fôra para a companhia da tia que lhe fazia pagar bem caro a hospitalidade que lhe dava e o pão que comia, pois obrigava-o a

trabalhar como um escravo e, como recompensa, batia-lhe desalmadamente.



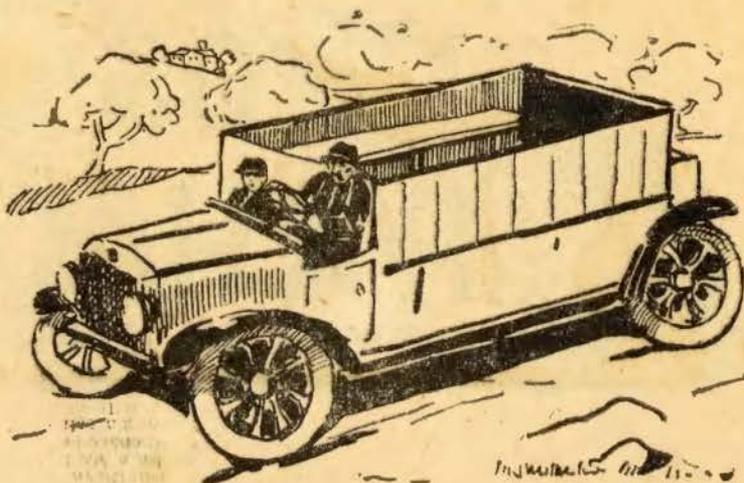
A ti' Engrácia vivia com certo desafôgo, pois tinha alguma coisa de seu que lhe deixara por morte o marido, o ti' Lucas da Oliveirinha, mas como era muito avarenta, sobretudo para o sobrinho, fingia-se sempre muito pobre e andava sempre a lastimar a sua sorte. Quantas vezes acontecia o infeliz pequeno ir para a cama, (se cama se poderia chamar a uma miserável enxerga), cheio de fome, enquanto a tia, sentada em frente de um belo prato de sopa, comia regaladamente.

Joãozinho olhava com inveja para os outros rapazes da vila que, embora fossem pobrezinhos como ele, traziam sempre os fatinhos remendados e limpos, tratados com o maior carinho, pelas mães. Ah! Se ele ainda tivesse mãe! Então sim, seria o ente mais feliz da terra, pois com certeza a sua mãezinha não consentiria que andasse assim todo esfrangalhado.

Nunca Joãozinho ouvira uma palavra meiga, ninguém o afagara com carinho, pois os afagos da tia eram o pau de marmeleiro sobre as costas e as palavras meigas todos os nomes feios possíveis e imagináveis. Ah! Sim... Afinal havia alguém na vila que nunca o tratara mal, pelo contrário, acariciava-o sempre que o via: — o senhor Prior, tão bom, tão carinhoso, Joãozinho fugia muita vez para casa do prior, onde enchia a barriguinha de marmelada e outras gulodices que lhe dava a boa Ester, irmã do sacerdote. Esses dias eram para Joãozinho os dias mais felizes da sua vida. Todos os domingos as crianças da vila se reuniam na igreja, onde aprendiam o catecismo com o bom prior e como o Natal se vinha aproximando, no fim da doutrina, o sacerdote contava-lhes a vida do Menino Jesus que nascera tão pobrezinho nas palhinhas de uma manjedoura, lá muito longe, no Oriente, numa cidade chamada Belém. De todos os ouvintes, era Joãozinho o mais atento. Parecia que bebia as palavras do padre, tão interessado estava. No seu cérebro germinou uma ideia que noite e dia o não deixava, a ideia de ir a Belém falar com o menino Jesus, pedir-lhe que o tirasse daquela vida de miséria. Joãozinho cuidava que ir a Belém era o mesmo que ir a Coimbra; mas como ignorava o caminho para a cidade onde nascera o menino Jesus, dirigiu-se uma tarde a casa do prior e pediu-lhe que lhe indicasse como havia de ir a Belém. O bom Prior riu-se, e acariciando-o, respondeu:

— «Belém fica muito longe, Joãozinho. É completamente impossível lá ires, pois é preciso ter muito dinheiro para lá chegar. A viagem custa quase uma fortuna e tu és muito pobrezinho. Para fazeres esse pedido, não precisas ir a Belém; aqui mesmo, na tua terra, o podes fazer, pois, como já te tenho dito, o Menino Jesus está em toda a parte.

— «Mas senhor Prior, eu quero conversar com o Menino Jesus, quero que Ele responda às minhas perguntas e como



não habita na terra. Se fôres sempre bomzinho, quando moreres irás para junto d'êle, para o Céu. O presepe vai ser armado na igreja, por êstes dias e quando o Menino Jesus estiver deitado sobre as palhinhas faze-lhe então o teu pedido, pois apesar de não o vêres como desejas, Ele vê-te e ouve-te e, se achar bem, fará o que pedes. Mas o que queres tu pedir ao Menino Jesus?

— «É segredo, senhor Prior. Mas, se o Menino Jesus atender o meu pedido, dir-lhe-hei depois, prometo.»

Joãozinho beijou a mão ao padre e retirou-se desanimado. Ia triste e pensativo, mas, apesar da conversa que tivera, a ideia de ir a Belém não o deixara. Quando chegou a casa esperava-o uma grande sova que o deixou todo dorido, por se ter demorado na rua. Claro está que Joãozinho não disse à tia a conversa que tivera com o prior.

Foram-se passando os dias e Joãozinho via, com tristeza, chegar o Natal sem ter conseguido ainda o que queria. Na ante-véspera dêsse dia, à noite, a tia chamou-o e disse-lhe:

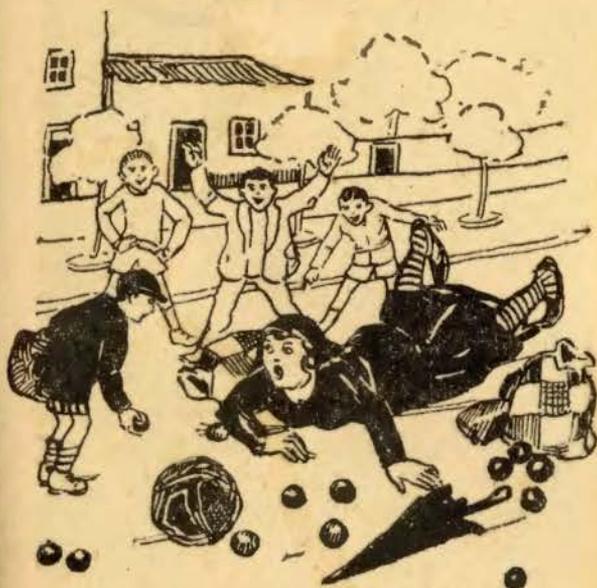
— «Partirás amanhã de manhã, para Coimbra na «camionette» do tio André, e vais a casa da comadre Rosa Zabumba e do compadre Alipio, levar esta «lembrança» do Natal. Então, a tia Engrácia iudicou-lhe um grande cesto recheado de coisas boas, e, como Joãozinho ficasse abstracto a olhar para o cesto, zás!... apanhou uma valente bofetada da tia.

— «Toma para não estares distraído, para tomares sentido no que te estou dizendo», gritou ela, colérica. E, entregando-lhe um sobrescrito, continuou:

— «Dentro dêsse envelope estão cem mil réis em notas de vinte, preço de um trigo que comprei aos Zabumbas. Entrega-o ao compadre Alipio que, em troca, te dará um recibo. Vê lá se o perdes; guarda-o no bolso da jaqueta. E agora gira para a cama que são horas.

As sete horas da manhã, Joãozinho, instalado na «camionette» junto do tio André, partia, radiante, para Coimbra. Ao menos durante algumas horas estaria livre da tia, quere dizer: — do pau de marmeleiro, que era o terror do Joãozinho. O frio era intenso, mas o pequeno apesar de tiritar, pois ia pouco agasalhado, não se queixava, tal era o seu contentamento.

Ao chegar a Coimbra, Joãozinho despediu-se do tio André e encaminhou-se para casa dos Zabumbas que moravam em Celas. Ia a pé, muito socegado da sua vida, pois a tia Engrácia, como era muito avarenta, não lhe dera dinheiro para o electrico. Ao dobrar uma esquina deparou-se-lhe um espectáculo deveras cómico,



só em Belém é que o posso encontrar, é por isso que quero lá ir.

— «Isso é impossível, Joãozinho. Mesmo que fosses a Belém não podias falar com o Menino Jesus porque Ele

CONTINUA NO  
PROXIMO  
NUMERO

# OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



Em seus respectivos quartos, D. Jorge, Luiza e Lena, Pedro, Rosa e Clara deitaram-se e adormeceram.

Paulo não se deitou. Abriu a janela do seu quarto sobre os Restauradores e a Avenida, olhou a lua cheia que na arena do céu, semeado de estrelas, lembrava um grande palhaço todo vestido de branco e de cara caiada, projectando, como êle, luminosos confétis, e, ainda sob a

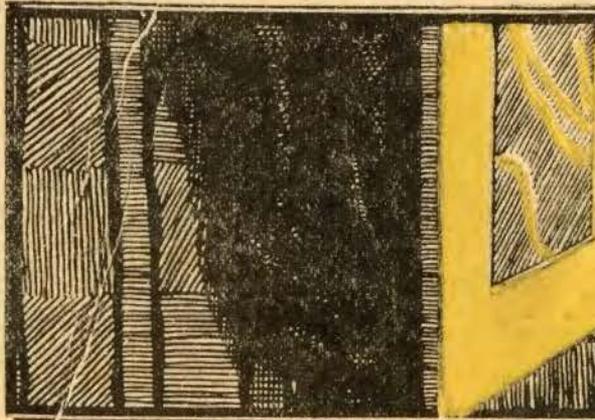
forte impressão que Nucha lhe causara, esfregou os olhos na vaga incerteza de estar sonhando, duvidando da própria realidade.

A imagem linda de Nucha não lhe saía dos olhos. Via-a de novo, na sua imaginação, ora envolta no seu riquíssimo casaco de peles, já senhora, entre Jorge e Luiza, ora no seu «maillot» desbotado, a trabalhar no trapézio, inda criança, entre Rambóia e Lêsma. Excitado, sem sono, resolveu sair. Pôs-se a vaguear pelas ruas, quasi desertas áquela hora da noite, entregue aos seus pensamentos.

Entretanto no seu quatinho de hotel, Clara acordava, supondo novamente ouvir o harmoniosissimo som de um violino... mas, afinal... era sonho!

Ao romper da manhã, Paulo, já fatigado de caminhar seu destino, regressou ao hotel. Entrou no quarto e deitou-se. Deitou-se e adormeceu. Adormeceu e sonhou. Sonhou que estava a conversar com Nucha.

Por volta do meio dia acordou. O sol doirado e quente entrava pela janela semi-cerrada. Ergueu-se da cama, ves-





tiu-se, desceu a escada até ao primeiro andar e veio sentar-se com o seu violino num sofá de peluche, numa pequena sala do hotel, contígua a um grande salão dividido apenas por um reposteiro de veludo verde.

Súbito, uns acordes de piano ressoaram no salão contíguo. Paulito reconheceu logo a música; — a mesma que tocara no Coliseu. Pôs-se de pé, e, então, maravilhado com a bela execução do trecho musical, encostou ao ombro o pequeno violino e principiou, sem saber quem tocava, a acompanhar o piano.

A pouco e pouco, ao limiar das portas, foram-se aglomerando vários hóspedes que, pé ante pé, haviam vindo atraídos pela música. Mal esta terminou uma pequena salva de palmas ressoou pelas duas salas do hotel.

Lena e Lito ergueram-se, entretanto, anciosos por saberem quem os acompanhara tão admiravelmente. Encaminharam-se para o reposteiro e afastado este por ambos ao mesmo tempo, acharam-se, súbitamente, face a face.

— «Nucha!...» murmurou Lito, extasiado.

— «Lito!...» exclamou Nucha com espanto.

— «Sim, Nucha; emfim, reconheceu-me! Sou eu, Lito! o seu pequenino companheiro doutroa! Como se encontra aqui?! Oh, como está mudada! Porque fugiu da nossa companhia?!...» e uma infinidade de exclamações e perguntas se sucedeu entre ambos.

Nucha, entretanto, contava ao seu companheiro de infância, o que se passara naquela noite em que desaparecera: — o rapto feito pelo Zagalote, a entrada em casa de seus verdadeiros pais e a vida que levára até ao momento em que, finalmente, o acaso, de novo, os fizera encontrar. Mas, quando soube que Paulo continuava palhaço, não se conteve também que lhe não dissesse:

— «Ah, coitado... continúa palhaço!» E então, vendo seus pais ao fundo, ergueu-se friamente e murmurou orgulhosa, com certo ar de desdém: — «meus pais!... Vêem, talvez, chamar-me para almoçar; — [e sem, ao menos, lhe estender a mão, afastou-se, exclamando]: — Adeus, senhor

Lito; estimei muito vê-lo. Sempre que faça algum benefício teremos muito prazer em ajudá-lo. Pode mandar-nos bilhetes. Temos muitos conhecimentos!...

Paulo pôs-se de pé. Passou rapidamente a mão pela testa, como se acabasse de ter uma vertigem e, num vago sorriso todo repassado de máguia e ironia, rematou cortezmente: — «Nunca com os meus benefícios, minha senhora, espero ter de recorrer aos malefícios de Vossa Excelência! Não faça esperar seus pais...»

Lena que já mal o ouvira, afastou-se e, agona, entre D. Jorge e Luiza, dirigia-se para a meza do almoço.

Paulo deixara-se cair desanimado, amarfanhado sobre o pequeno divan, scismando no ridículo eminente duma declaração de amor, mal sucedida, que estivera a sair-lhe da boca, por um trís. Absorto, de olhar fixo num ponto vago, entre os mil arabescos do tapete sobre que tinha os pés, Paulo dir-se-ia muito longe de si próprio. Nisto, sentiu que alguém lhe tocava levemente num ombro e lhe dizia numa voz doce, cariciosa e amiga:

— «Em que pensa, Paulito?...

Paulito extremeceu. Ergueu os olhos embaciados de lágrimas e fitou-os em Clara qu' dir-se-ia uma aparição do céu, envolta num nimbo de doce claridade. Clara. Clara que tinha uma alminha clara como o seu nome, uma expressão clarinha como a sua alma e um sorrisinho claro como a sua expressão tão atraente e tão franca, ao contrário de Lena que se tornara soberba e por quem Paulo sentia agora unicamente repulsa.

— «Paulito, em que estava pensando?!» insistiu Clara com a mesma suave entoação.

La quasi a responder-lhe o mesmo que lhe dissera em casa de Pedro quando ela lhe fizera idêntica pergunta, mas ao vê-la tão simples, tão cheia de graça, tão carinhosa, viu com muita ternura:

— «Em que só a Clara me sabe compreender. Mas que apesar de tudo, vou deixar esta vida de palhaço; vou viver para a aldeia. Para a aldeia, onde me casarei, assim que



# Papão-Papinho

POR

OLAVO D'EÇA LEAL

ILUSTRAÇÃO DO AUTOR

**A** menina Rirrizinha,  
 Que quinze anos já tinha  
 E ind'era mimalhazinha,  
 Foi dizer ao papázinho  
 Que ficava contentinha  
 Se êle lhe desse um livrinho  
 Onde vem a históriazinha  
 De certo Papão-Papinho.

O papá da Rirrizinha,  
 Que faz sempre a vontadinha  
 A' sua qu'rida filhinha,  
 Comprou logo o tal livrinho.

E, n'essa mesma noitinha,  
 Deitada no sofázinho,  
 Depois do seu jantarinho,  
 Ela leu a históriazinha  
 Do feroz Papão-Papinho,  
 Que mete um certo medinho.

Leu e foi para a caminha  
 E, no meio do soninho,  
 Ela ouviu um barulhinho,  
 Ficou logo assustadinha.  
 Mas, pensando um bocadinho,  
 Julgou que fosse um ratinho,  
 A rôer algum pauzinho;  
 E já voltava ao soninho  
 Quando ouviu uma vòzinha  
 Que assim dizia baixinho:  
 — Eu sou o Papão-Papinho!  
 E se dás algum gritinho,  
 Podês tê a certezinha  
 Que te como até à espinha.  
 E o senhor Papão-Papinho  
 Pôs-se a puxar os pezinhos  
 Da menina Rirrizinha,  
 Que teve de seguidinha  
 Uns vinte cheliquezinhos,

Mas nêsse momentozinho,  
 Ouviu-se uma tossezinha  
 Do papá da Rirrizinha  
 Que estava constipadinho.

E o grande Papão-Papinho,  
 Muitíssimo assustadinho,  
 Tratou de dar às perninhas  
 E fugiu pró seu quartinho...  
 Afinal era o Zézinho  
 Maninho da Rirrizinha,  
 Que, pra fugir do Papinho,  
 Envolvera o seu corpinho  
 Num grande lençol de linho.

Mas, logo de manhãzinha,  
 Levou uma sòvazinha,  
 Do seu rico papázinho,  
 Que até viu as estrelinhas!

## Continuação de «OS PALHAÇOS»

chegar, na branca e pequenina ermida da terra em que eu nasci.»

Clara empalideceu. Depois fez-se muito corada e murmurou numa vòzinha trémula e sumida:

— «Ah, vai casar-se, Paulo?! Não nos tinha avisado!...»

Mas Paulo, sorrindo do enleio de Clara, acrescentou, tomando-lhe a mão direita:

— «Se a Clara não se opuzer ao meu casamento!»

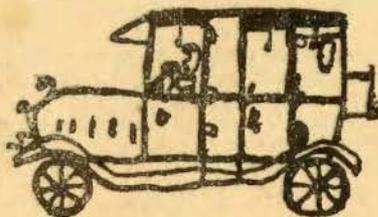
— «Como poderia eu opôr-me ao seu casamento, Paulo?!» perguntou Clara cada vez mais confusa.

— «Recusando-se a casar comigo.» Tornou, brandamente meigamente Paulo.

— «Oh! pois é possível que o Paulo goste de mim, que vá casar comigo?! Tão longe estava de esperar!»

CONTINUA NO  
 PRÓXIMO NÚMERO

## Colaboração infantil



Desenho do menino Octavio B. Vaz  
 de 8 anos de idade.



# BÉBÉ FAZ ANOS



## e as formigas vão ao pudim

POR GRACIETTE BRANCO .  
DESENHO de EDUARDO MALTA

— Ai que pudim!... — Vejam lá!  
Todo enfeitado,  
cercado  
por castanhinhas d'Arouca!!!...

— (Meninos: já lhes está  
crescendo água na boca?)

... Ai que pudim!! — Na dispensa,  
Formiguinha, pensa, pensa,  
na maneira,  
mais ligeira,  
de o comer...  
Põe-se a subir, a subir,  
depois a cantar e a rir,  
põe-se outra vez a descer...

Vai chamar sua vizinha:  
— outra linda Formiguinha,  
que tem sua habitação,  
numa perna carcomida,  
de certa mesa partida,  
da casa de arrumação.  
— O' Formiguinha!  
O' Vizinha!

Venha comigo a correr...  
Depressa... muito depressa,  
que além, naquela travessa,  
temos muito que fazer...»

— Volta e vira,  
põe e tira,  
vai por aqui,  
por ali...  
desce e sobe,  
sobe e desce,  
tamanho barulho cresce,  
que começam a surgir,  
sob  
as bordas das travessas,  
três bilhões de cabeças  
redondinhas,  
moreninhas,  
que começam,  
que se apressam  
a subir...  
a subir...

Vêem umas,  
vão-se as outras,

tornam as outras a vir,  
enquanto as outras se vão...  
passam umas, que segredam,  
enquanto as outras se arredam  
numa enorme confusão...

algumas,  
deixam cair  
porçõezinhas que, acarretam,  
nas boquinhas  
gulosinhas...  
Outras,  
porém, logo fretam  
essas mesmas porçõezinhas,  
que levam, em corridinhas,  
para as casas onde habitam...

— Quasi noite, cançadinhas,  
tendo, porém, as casinhas,  
todas cheinhas

— emfim!  
de bocados de pudim,  
desde a porta à chaminé;  
— dormindo nos leitos seus,  
elas dão graças a Deus,  
por fazer anos Bébé,